

A cobertura dos problemas sociais brasileiros: uma análise da Revista Realidade de 1966 a 1971 ¹

Mariana Laís TOZETTO²

Carlos Alberto de SOUZA³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR.

RESUMO

A proposta deste trabalho foi fazer uma investigação sobre a cobertura dos problemas sociais do Brasil pautados pela Revista Realidade, num momento conturbado da história política, econômica e social do país. Verificou-se que apesar de abordar estes temas, a revista deixou de mostrar questões como violência, saneamento básico, muitas vezes silenciando-se ou tratando tais assuntos de forma periférica. A análise levou em consideração os assuntos retratados na capa do veículo no período de 1966 a 1971. Como resultado, percebeu-se que por causa da censura, a Realidade não deu ênfase às questões sociais que o Brasil vivia naquela época. Para desenvolver o trabalho, optou-se pela pesquisa do tipo qualitativa, análise técnicas das imagens e pesquisa bibliográfica sobre o regime militar no Brasil, jornalismo e fotojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de revista; Revista Realidade; Problemas sociais; Fotojornalismo.

Jornalismo e Realidade: Uma proposta de análise

No século XX, houve uma enorme transformação, tanto no jornalismo de revista, quanto no fotojornalismo. As revistas passaram a investir em ilustração e fotografia não somente para dar sentido e credibilidade ao fato, mas também para competir no mercado, tendo em vista o surgimento da televisão em cores (1954) e aperfeiçoamento gráfico dos jornais impressos.

O conteúdo, independente do tempo que é veiculado, sempre terá a característica de registro histórico, pois é o reflexo de uma época. A *Realidade* surge num contexto em que o Brasil passava por um período político conturbado, durante o Regime Militar. Ela circulou durante dez anos (1966-1976) e assim como outros veículos de comunicação também sofreu com a censura, o que levou ao seu fechamento.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduada no Curso de Jornalismo da UEPG, email: marianatozetto@gmail.com

³ Professor doutor e pesquisador do Curso de Jornalismo da UEPG. Orientador e coordenador do Grupo de Pesquisa Fotojornalismo, Imagem e Tecnologia. E-mail: carlossouza2013@hotmail.com

Este estudo procurou fazer uma análise de como a *Realidade* se comportou no período da ditadura, e como o AI-5 influenciou na publicação e nos temas que ela pautava. Segundo José Carlos Marão, que foi repórter da *Realidade* no momento que pode ser considerado como a segunda fase da revista (após 1968), quando muitos jornalistas saíram da redação, o que comprometeu a qualidade da apuração e de suas reportagens. “As cautelas, nas matérias, eram muito maiores, embora nunca tivesse havido censura dentro de *Realidade*, como estava ocorrendo em outras redações” (MARÃO, 2010, p.35).

Método de estudo

O estudo foi feito por meio de uma análise dos conteúdos e das imagens da revista, levando em consideração as técnicas e teorias do fotojornalismo. Buscou-se entender o papel desempenhado pelo periódico em relação as questões sociais brasileiras em um período obscuro da ditadura militar. Para isso, selecionou-se todas as capas que traziam fotos sobre problemas sociais, levando em conta o tamanho da imagem, o que ela mostrava, técnicas usadas, mensagem e os sentidos dado as imagens. Também foi feito uma investigação sobre as páginas internas de temas retratados nas capas, procurando destacar a correlação entre texto e imagem e a força noticiosa das fotos.

A análise do tratamento dado pela revista aos problemas sociais levou em conta o texto e as imagens fotojornalísticas veiculadas pelo periódico. Entender quais aspectos da realidade brasileira a revista focava em suas páginas, e perceber o que prevalecia se era o texto ou a imagem, foram alguns dos propósitos da investigação. Outro aspecto foi evidenciar o tratamento dado aos diferentes temas sociais por meio da cobertura jornalística.

A proposta teve por finalidade verificar de que maneira a revista *Realidade* retratou os problemas sociais do Brasil em suas edições, no período de 1966 a 1971, destacando o ponto vista do periódico sobre o assunto, ao mesmo tempo, procurou identificar, por meio da literatura, os principais problemas sociais vividos pelo Brasil naquele período.

Nos anos de 1960, o processo de urbanização do país estava se iniciando e com ele surgiam novos problemas para o país como: violência, falta moradia, pobreza, poluição, ocupações desordenadas, aumento populacional, falta de emprego. Segundo Wood (1994, p.23), nos anos 1960 e 1970, o êxodo rural fez o país passar por um processo de ‘modernização’, moldando assim a sociedade e, ao mesmo tempo, gerando desigualdades sociais.

Como a *Realidade* circulou durante dez anos, o recorte da pesquisa foi feito envolvendo uma época pré, pós e durante o AI-5 (Ato Institucional nº 5) que suspendia garantias constitucionais, entre elas a liberdade de imprensa. Além do AI-5, no ano de 1967, o Congresso Nacional decretou a Lei 5.250, conhecida como Lei de Imprensa, que previa prisões e multas para jornalistas e empresas de comunicação, caso ofendesse a ‘moral pública e os bons costumes’.

Com as leis cada vez mais autoritárias, torturas e perseguições políticas se tornaram realidade no país. Segundo Chaffe (2009, p.12), a ditadura do Brasil, baseou-se em poder coercitivo e: “[...] controlou a educação, os meios de comunicação, as instituições econômicas, usou de intensa propaganda, a fim de penetrar na formação social e familiar de cada indivíduo”.

A pesquisa, como se observou anteriormente, procedeu análises das páginas internas quando a temática Problemas Sociais era estampada na capa por meio de fotos. A coleta das revistas foi feita junto ao Museu Campos Gerais e além das capas, foram analisadas manchetes, legendas, fotografias e próprio texto jornalístico, com o propósito de demonstrar a posição da *Realidade* frente às questões sociais, o teor jornalístico das coberturas e as técnicas utilizadas nas edições e produções fotográficas.

O trabalho envolve também pesquisa bibliográfica, com aprofundamento de conteúdos na área do jornalismo, fotojornalismo, política e econômica. E, traz à discussão temas relacionados a questões sociais e a respeito do período da ditadura no Brasil. Dentre os principais autores da área jornalística que serviram de base à investigação constam: Pena (2005) Scalzo (2011), Schwaab & Tavares (2013), Buitoni (2011), Mira (1997); Sousa (2004); Bahia (1990) Barthes (1964).

A análise levou em consideração o uso da imagem pela revista, o espaço reservado à foto nas reportagens principais de cada edição, os aspectos técnicos e de composição fotográfica; a relação entre texto e imagem e, também a evolução da fotografia, do fotojornalismo ao longo das edições, estabelecendo, inclusive, uma comparação sobre o uso das fotos.

A *Realidade* é considerada um ícone na área impressa e no fotojornalismo e, por isso, é importante compreender o legado que deixou às futuras gerações de jornalistas. A revista, além de valorizar o gênero reportagem, passou a dar destaque a fotografia como elemento informativo de igual importância ao texto.

Problemas sociais no Brasil: uma breve reflexão

Dados teóricos demonstram que na América tropical formou-se “uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde negro – na composição”. Nas palavras de Gilberto Freyre (2003, p. 65) é possível notar que, independentemente da época, desde que o Brasil foi colonizado pelos portugueses, os problemas sociais, como a exploração já apareciam. Com o processo de industrialização e urbanização, Ribeiro (1995) afirma que o Brasil alcançou um novo ‘modo de ser’ das metrópoles.

Dentro delas geram-se pressões tremendas, porque a população deixada ao abandono mantém a cultura arcaica, mas muito integrada e criativa. Dificulta, porém, uma verdadeira modernização, porque nenhum governo se ocupa efetivamente da educação popular e da sociedade (RIBEIRO, 1995, p. 200).

Com o êxodo rural, segundo o autor, nas cidades sem aporte suficiente para receber o novo contingente de moradores, os problemas sociais, como falta de emprego e moradia começam a surgir vinculados diretamente ao desenvolvimento urbanístico.

O que pode ser caracterizado como um problema social? Para Silva, (1967, p. 7-8) “a essência do problema social está na própria insatisfação quanto ao aspecto da realidade social, que pode ser inconveniente ou superável.” Ainda segundo a autora, os problemas sociais só podem ser resolvidos pela ação, porém o estudo deles pode direcionar alguns rumos para suas transformações.

Talvez por ter se tornando uma sociedade extremamente desigual, ainda falte uma consciência social no Brasil. Segundo Costa (1991), a taxa de crescimento da população elevou-se após 1945 e passou por um ápice no período 1950-60 por causa do rápido declínio da taxa da mortalidade. A esperança de vida ao nascer e a taxa de mortalidade refletem o estado das condições da área de saúde de uma época. Segundo dados do censo de 2010, a expectativa de vida do brasileiro aumentou 25,4 anos no período de 1960 e 2010, passando de 48 para 73,4 anos. Porém, o número de filhos por mulher diminuiu de 6,3 filhos para 1,9. Além disso, houve um crescimento na participação da população de 65 anos ou mais, que de 1960 e 2010 aumentou de 2,7% para 7,4%.

Como Vieira (2014) ressalta no período de 1964 a 1985, quando os militares assumiram o governo, davam-se ênfase ao discurso de ‘salvar o país’ do caos econômico e político em que se encontrava. Anteriormente a ditadura, quem iria governar democraticamente era João Goulart.

Após o golpe, os militares criaram várias metas, denominadas ‘reformas estruturais’ para mudar a economia do país. Um exemplo foi o Paeg (Plano de ação econômica do governo), um programa de ajuste fiscal que tinha a função de conter a inflação e causou reformas no sistema financeiro, da estrutura tributária (criado em 1964, vigora até os dias atuais) e do mercado de trabalho. Houve também a retomada de investimentos públicos, o investimento em empresas estatais e o crescimento das importações (Pilagallo, 2004).

Foi no período de 1968-1973 que aconteceu o milagre econômico brasileiro. Nos anos 1960 houve um fortalecimento da abertura econômica externa, neste período, o país crescia em nível chinês. Hermann (2005, p. 70) afirma que “o Brasil de 1964-73 ilustra um caso de nítida ausência de correlação entre democracia e desenvolvimento e de alta correlação entre autoritarismo e reforma econômica.”

Apesar do país ter crescido de maneira muito rápida, isso por consequência resultou no surgimento de um problema muito grande que é nítido até os dias de hoje, a concentração de renda, como afirma Giambiagi e Villela (2005). Segundo Ramos et al. (2005), dentre 120 países no mundo para os quais existem informações sobre o grau de desigualdade na distribuição de renda, mais de 90% apresenta desigualdade menor que a do Brasil; por outro lado, os mesmos autores destacam que o país encontra-se entre os 20% mais ricos do mundo.

Onde está o problema então? “A escassez agregada de recursos não é a explicação para os grandes contingentes de pobres encontrados no país, mas sim a má distribuição desses recursos” (RAMOS et al. 2005, p. 355). Ainda segundo os mesmos autores, nos anos 1960, o crescimento do país foi desigualmente distribuído, porque apenas 10% dos mais ricos se beneficiaram com o processo de crescimento.

Com esta reflexão sobre os problemas sociais brasileiros, dos anos 1960 e 1970, é possível compreender o contexto político e social em que a Revista Realidade estava inserida. Na continuação deste trabalho pretende-se abordar o tratamento do periódico em relação aos problemas sociais.

A Realidade muitas vezes silenciou

Na década de 60, o Brasil passava por uma crise política, econômica e, principalmente, educacional. Um dos principais responsáveis por esta situação na área educacional e social foi o grande número de analfabetos. Cerca de 40% da população ainda não sabia ler e escrever (DURHAM, 1999). Além do analfabetismo, o Brasil convivia com

problemas de infraestrutura, pobreza, falta de habitação, violência, saneamento básico e saúde pública como consequências do processo de urbanização.

É a partir da segunda metade do século XX que o processo de urbanização brasileira cresce devido ao desenvolvimento industrial, precursor do êxodo rural, agravando os problemas sociais, principalmente de moradia, e consequentemente o crescimento das áreas ilegais (HOLZ; MONTEIRO, 2008, s/p).

Esses fatores se agravavam com o crescimento das metrópoles e o processo de industrialização fez com que muitas pessoas do campo migrassem para as cidades. Segundo Holz e Monteiro (2008, s/p) no período de 1940-60, a população brasileira passou de 41 milhões para 70 milhões de habitantes, com taxa de urbanização aumentando de 31% para 45% o que, por consequência fez crescer as habitações ilegais que avançavam sobre as cidades.

Dados do IBGE demonstram que a maior aceleração da população no Brasil aconteceu durante as décadas de 50 e 60. Neste período houve um crescimento de 32,92%, o que equivalia a um aumento de cerca de 23 milhões de habitantes.

Uma das principais diretrizes dos militares foi o controle social e da informação com a finalidade de impedir manifestações públicas e colocar seu projeto de governo em interrogação. A mídia e os meios de comunicação foram ‘impedidos’ de explorar livremente os problemas sociais e políticos do país o que gerou uma série de conflitos e ações repressivas na sociedade. Segundo Chaffe (2009), houve controle de informação, até mesmo dentro das bibliotecas do país, sendo limitado o acesso a livros e fontes documentais:

Essa necessidade de restringir o acesso ao conhecimento produzido pode ser justificada de muitas formas e advém de diversas fontes de legitimidade, como a institucional. E é através, principalmente, dos regimes não-democráticos que percebemos com a maior ênfase a preocupação em dificultar o acesso à informação, dispondo o governo de inúmeros meios legalizados para a sua proibição. (CHAFFE, 2009, p.7)

Muitos meios de comunicação preferiam não tocar nessas questões, pois corriam risco de censura e mesmo fechamento. Kushnir (2014, s/p) observa que os veículos que tentavam driblar a censura assumiam sérios riscos. Muitos jornais optaram por publicar receitas de bolo ou deixar páginas inteiras em branco para demarcar a censura a que estavam sujeitos.

A revista *Realidade* surge neste contexto, que, apesar de estar inserida dentro da mídia hegemônica, ficou conhecida como um veículo que teve o caráter de trazer temas

polêmicos e transgressores à época. Mas, quando se tratavam de assuntos relacionados a questões de ordem sociais como os já relacionados anteriormente, a revista não pauta muitos desses temas em suas capas no período analisado de 1966 a 1971.

Apesar de trazer alguns assuntos de interesse social em chamadas na primeira página, a revista preferiu em algumas ocasiões dar mais atenção aos problemas internacionais, como a guerra do Paraguai e do Vietnã. Mas, há uma explicação para isso, José Carlos Marão que foi repórter de *Realidade* afirma que não havia uma censura explícita dentro da redação, mas uma ‘cautela’ preocupada com dois níveis: “Um, dentro da própria empresa, obviamente defensora do livre mercado, que não concordaria com as veleidades socialistas da equipe. Outro, com o governo: não era o caso de ‘cutucar a onça com vara curta’, como se dizia” (MARÃO, 2010, p.27).

A análise das capas e também, em casos específicos, das páginas internas do periódico demonstra que temas de relevo nacional, como política, violência, saúde, saneamento básico deveriam ter mais destaque no veículo, pela questão de ser de relevância pública e social, levando em consideração o papel do jornalismo como defensor dos interesses da coletividade, como coloca Soares (2009). Em parte essa estratégia do veículo pode ter sido utilizada para não chamar atenção dos censores e por isso seria interessante ampliar, em um próximo trabalho, a investigação completa do periódico, por meio de uma análise envolvendo esses temas e a sua publicação nas páginas internas.

Quando se tratava de questões relacionadas ao Brasil, a revista não deu ênfase aos desdobramentos e consequências do problema. Por exemplo, quando noticiou sobre drogas, em três edições (1967, 1969, 1970), em duas, deixou de mostrar as medidas que o governo estava tomando em relação ao assunto, o que pode indicar uma autocensura. Kucinski (1998, p. 56) afirma que durante o regime militar houve quatro fases do controle de informação. A primeira foi entre 1964-1968 com a autocensura⁴. Ela se instalou antes mesmo de 1964, porque os ‘barões da imprensa’ ajudaram a conspirar a favor do golpe. O segundo período foi de 1968-72 com os anos de chumbo, em que a imprensa se dividia entre a oficial e a alternativa. O terceiro foi de 1972-1975, com a implantação da censura contra a imprensa alternativa e também em casos isolados com apreensões de edições de revistas e jornais.

⁴Segundo Kucinski a autocensura pode ser definida como: “a supressão intencional da informação ou parte dela pelo jornalista ou empresa jornalística, de forma a iludir o leitor ou privá-lo de dados relevantes. Trata-se de uma importante forma de fraude porque é uma mentira ativa, oriunda não de uma reação instintiva, mas da intenção de esconder a verdade (KUCINSKI, 1999, p. 51-52).

E, por fim, a quarta fase, de 1975-79, em que “a imprensa já tinha perdido o sentido da realidade”, com a retirada da censura, milhares de jornalistas são demitidos ou saem para um chamado “exílio profissional”, processo que segundo o autor, se reflete até hoje nas empresas jornalísticas.

A matéria publicada na edição 14 de maio do ano de 1967, sobre o mundo do vício, acaba focando muito mais no que leva as pessoas a recorrerem as drogas: “À margem da sociedade, estes homens e mulheres desajustados fogem da realidade e encontram alguns momentos de prazer a troco de sofrimentos incalculáveis” (KALILI, Narciso, 1967, p.17). A revista chama para este problema do sofrimento humano e do vício, mas em nenhum momento responsabiliza as autoridades e nem aponta para as medidas que têm sido realizadas pelas autoridades públicas para enfrentar esta realidade que vai tomando formas principalmente nas grandes cidades.

Quando a revista retrata o mundo do vício, mostra que este problema atinge também as camadas mais altas da sociedade brasileira, mas o assunto, abordado pela reportagem, não aprofunda a questão. O foco é apenas no vício. Faz-se um perfil de um drogado, entrevista-se um delegado e um médico. Em nenhum momento, ela traz dados concretos de como é feito o tratamento, e como a questão é tratada nos principais centros urbanos, locais onde o consumo de drogas costuma ser maior. O único dado interessante que o periódico traz nesta reportagem, é que 100 mil brasileiros, na faixa de 16 a 30 anos, se envolviam com entorpecentes.

Apesar de ouvir um médico sobre o tratamento dos viciados, esta questão não fica devidamente explorada, restringindo-se apenas a opinião do especialista, sem entrevistar pessoas que já passaram pela reabilitação. Por exemplo, quando o médico afirma que “Os dependentes das drogas são pessoas com grande necessidade de segurança, que procuram fugir a angústia e a frustração de forma imediata, opondo a realidade objetiva à gratificação do prazer” (REALIDADE, maio de 1967, p.25).

Nesta edição, foram publicadas seis fotografias. A foto de capa é colorida, e as outras, preto e branco, variando de tamanho. Uma ocupando página inteira, duas pequenas e três 50% da página. Foi diagramada em três colunas, recebendo pouco tratamento gráfico, apenas um box. Segundo Paniago (2008), o projeto gráfico da *Realidade* foi baseado em tipos condensados com a valorização da fotografia e diagrama seco, com texto em blocos, tomando como referência a revista alemã *Twen*. A diagramação em quase todas as edições é semelhante, com reforço para a fotografia. A foto costuma ser tão valorizada que o texto,

principalmente nas grandes matérias. Também não foi dado destaque dentro do texto para intertítulos apenas abriu-se um olho no meio da matéria, quando, o entrevistado dá um depoimento forte sobre como entrou para o mundo do vício “Tudo começou com a maconha, no colégio grã-fino” (REALIDADE, maio de 1967, p.18).

Segundo Lima (1995, p.227), a revista muita vezes adotava um único ponto de vista e quase sempre sem embasamento documental. Para o autor, muitas matérias “não apresentavam uma visão multiangular de um problema, apenas exibiam a questão sob uma única perspectiva”. Esta questão abordada pelo autor pode ser percebida em muitos casos, como na reportagem sobre o mundo do vício, em que é mostrada a história de um jovem que se iniciou nas drogas ainda na vida escolar. Nota-se pela reportagem ‘mundo do vício’ e ‘maconha nas escolas’, que o consumo de droga estava ligado à classe média e alta. A juventude tinha caráter de rebeldia, contestação e forte participação na política. O consumo de drogas muitas vezes era visto pelos jovens como uma maneira de ‘protestar’ contra as regras impostas pelo governo e sociedade, ou de obter uma fuga rápida da realidade.

Para Sousa, a principal finalidade do fotojornalismo é informar. “Uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa juntar a força noticiosa à força visual. Só assim consegue, no contexto da imprensa, juntar uma impressão de realidade a uma impressão de verdade” (SOUSA, 2004, p.10). O autor ainda enfatiza que fotografias jornalísticas são aquelas que possuem o ‘valor jornalístico’. Muitas das fotos das capas da revista *Realidade* em que apareceram como temática problemas sociais não tiveram essa preocupação (de informar), sempre trazendo fotos mais artísticas em relação ao tema, como é o caso da maconha, ou sobre o povo caranguejo. A partir das descrições das fotos na tabela abaixo pode-se perceber isso.

Mês/ Ano	Manchete (Capa)	Descrição da fotografia
Maio – 1966	Roberto Carlos: a rebelião da juventude	A foto é de uma jovem fã de Roberto Carlos, com as mãos no bolso usando uma camiseta que mostra o cantor. Ela ocupa metade da capa e está em primeiro plano.
Julho -1966	Feitiço brasileiro vai a Londres	É mostrada uma estátua de um jogador da seleção brasileira, com alguns objetos que têm a intenção de parecer algo utilizado em feitiços e mandingas. A imagem ocupa metade da capa
Novembro-1966	Os novos donos do samba	Foto traz ícones do samba e do MPB como Caetano e Chico Buarque. O grupo está centralizado na foto em primeiro plano. Foto de página inteira.
Maio- 1967	Tóxicos: o mundo do vício	Na imagem que ocupa meia página, há um homem com um torniquete no braço e com uma seringa numa das

		mãos. Ele olha para ela com êxtase. A imagem é composta em tons escuros e amarelos com o intuito de mostrar o ‘lado obscuro’ do vício.
Julho – 1967	A nova pré-escola: Quem manda é a criança	Nesta capa que ocupa 100% da página, a imagem é de uma criança ‘montada’ sobre a ‘professora’. A menina aponta para a câmera e assim como o título sugere a foto da a entender que agora quem manda é a criança.
Outubro – 1967	Racismo: Eua Brasil	A capa é dividida em duas: uma parte preta e outra branca. Na preta, é mostrando uma negra de olhos fechados chorando com o rosto inchado. Na parte branca aparece uma negra séria e bem vestida. A foto parece sugerir que no Brasil os negros recebem um tratamento mais digno em relação aos EUA. Outra interpretação possível: as imagens indicam a situação que os negros viviam no passado e hoje.
Julho – 1968	Este moço comanda a agitação	Foto de retrato: Luis Travassos, presidente da UNE encostado numa parede com uma blusa nas costas e um jornal nas mãos. A foto em primeiro plano e centralizada ocupa meia página.
Fev 1969	Maconha: Guerra ao traficante	Mãos algemadas segurando um punhado de folhas secas que lembram a erva maconha. Ocupa meia página. A imagem procura retratar a situação de aprisionamento que o vício pode causar e a dificuldade de se livrar dele.
Mar 1970	A vida corajosa	Foto centralizada ocupando meia página de uma menina suja de lama. A expressão dela é de tristeza e sofrimento, a imagem está encaixada num fundo preto, o que remete a dor e tristeza. O retrato dela pode indicar também que naquela época o trabalho infantil era pouco fiscalizado no país.
Jun 1970	Maconha nas escolas	A cena mostra um homem abraçando uma mulher, e ao mesmo tempo segurando um cigarro em sua boca. A foto colorida ocupa a página toda. A intenção do fotógrafo nessa imagem parece ter sido retratar a primeira vez de um jovem utilizando a droga, visto que o homem segura o cigarro na boca, e a reportagem indica sobre o consumo das drogas nas escolas.

Tabela: Descrição das fotografias de capa analisadas que apareceram temas sociais (Fonte: A autora).

Das capas analisadas durante os seis anos, os temas que mais apareceram foram sobre variedades, e depois política, geralmente tratando de assuntos internacionais como: ‘Cuba, 1968’, ‘O outro diário de Che Guevara’, ‘Ted Kennedy: o destino de ser presidente’. Na categoria variedades foram encaixados temas que não relacionados aos assuntos das outras categorias, geralmente tratando de questões relacionadas à literatura, música, moda, sexualidade, celebridades, comportamento. Nesta categoria apareceram 64% dos assuntos, como pode ser observado no quadro a seguir. Detalhe que no ano de 1966 aparece zero na

categoria dos problemas sociais, pois os três temas analisados nesse ano apareceram apenas como chamada de capa, e a tabela foi destinada aos temas das capas com foto.

REALIDADE	Esporte	Religião	Problemas Sociais	Política	Variedades
1966	2	2	0	0	5
1967	0	1	3	2	6
1968	0	1	1	5	5
1969	0	0	1	3	8
1970	0	0	2	0	10
1971	1	0	0	1	11
TOTAL %	4%	6%	10%	16%	64%

Tabela: Análise dos temas das fotografias de capa nas edições de 1966 a 1971. (Fonte: A autora.)

Das 70 edições analisadas, 10% pautaram questões sociais, sendo sete com foto na capa e três com chamadas, o que mostra que a revista teve a intenção de apontar a situação que o Brasil se encontrava, mas em muitas situações omitiu-se. A situação da revista, de colocar mais temas de variedades nas capas também pode ser resultante da tentativa de parecer neutra em relação à ditadura. Marão, conta que todos os jornalistas da revista eram contra o governo, porém não podiam de maneira de direta, afirmar que vivíamos em uma ditadura, e que tínhamos que a combater. O repórter de *Realidade* ainda afirma que nas edições da revista os repórteres e editores tinham o plano de abranger a maior gama de temas possíveis: “Cada edição cobriria o maior leque possível de assuntos, de Política a Saúde, de Religião a Humor de Moda a Esportes, de Educação a Espetáculos” (MARÃO, 2010, p. 27), talvez por este motivo a revista tenha focado mais nos temas de variedades.

Referências:

CHAFFE, Bruna Abatti. **A ditadura militar no Brasil e o controle da informação:** relatos de censura nas bibliotecas da UFRGS. 2009. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

COSTA, Manoel Augusto. O problema demográfico brasileiro: diagnóstico e perspectivas. In: VELLOSO, João Paulo Reis dos (org). **A questão social no Brasil**, São Paulo: Nobel, 1991.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A educação no governo de Fernando Henrique Cardoso. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n.2, outubro. 1999.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Ed. da Ulbra, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global, 2003.

HERMANN, Jennifer. Reformas, Endividamento Externo e o “Milagre” Econômico (1964-1973). In: GIAMBIAGI, Fabio; VILLELA, André (org). **Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

HOLZ, S. ; MONTEIRO, T. V. A. . Política de habitação social e o direito a moradia no Brasil. In: X Coloquio Internacional de Geocrítica, 2008, Barcelona. Diez Años de Cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales, 1999-2008, 2008.

KALILI, Narciso. Ele é um viciado. **Realidade**, São Paulo, edição 14, mai. 1967.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: Ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo, Scritta Editorial, 1991.

KUSHNIR, Beatriz. **A grande imprensa apoiou o golpe e a ditadura**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/a-grande-imprensa-apoiou-o-golpe-e-a-ditadura-e-nao-teve-papel-relevante-para-o-fim-do-regime-1979.html> Acesso em: 20/11/2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.

MARÃO, J.C; RIBEIRO, H.J. **Realidade Re-vista**. São Paulo: Realejo, 2010.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. **Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. 2008. 456 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília. 2008.

PILAGALLO, Oscar. **A história do Brasil no século 20 (1960-1980)**. São Paulo: Publifolha, 2004.

RAMOS, Lauro; MENDONÇA, Rosane. Pobreza e Desigualdade de Renda no Brasil. In: GIAMBIAGI, Fabio; VILLELA, André (org). **Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Maria Conceição Tavares da. Reflexão sobre o conceito de problema social I. **Análise Social**. Lisboa, 1967 ,n.º 18, pp. 207-230

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos, 2004.

SOARES, Múriilo Cesar. **Representações, jornalismo e a esfera pública**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2009.

VIEIRA, EVALDO. **A ditadura militar: 1964-1985- Momentos da República brasileira**. São Paulo: Cortez, 2014.

VELOSO, Fernando, A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. **Revista Brasileira de Economia**. Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, abril/junho. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006> Acessado em: 07/08/2015.

WOOD, Charles H. **A demografia da desigualdade no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1994.